



DIFERENTES CORRENTES DA PREGAÇÃO PROTESTANTE NO BRASIL: ÊNFASES E ESTILOS DA PREGAÇÃO BATISTA (CBB) NO SÉCULO XX

Jilton Moraes¹

Considerações iniciais

Pesquisar sobre ênfases e estilos da pregação protestante em qualquer grupo não é fácil. Mais ainda quando se trata de uma denominação com 134 anos no Brasil. Nesse tempo, outros grupos têm surgido e, ainda divergindo em pensamento e práxis, continuam denominados batistas. Aqui, o enfoque é à pregação da CBB – Convenção Batista Brasileira. Que tipo de pregação se desenvolveu entre os batistas?

Surgiu marcada com os nomes de missionários estadunidenses que desenvolveram seu trabalho nos quatro rincões de nossa Pátria. Em outubro de 1882, foi organizada, em Salvador, a Primeira Igreja Batista do Brasil, com cinco membros: dois casais norte-americanos e o ex-padre brasileiro Antônio Teixeira de Albuquerque.

Ênfase em missões e evangelização

Um dos pilares da pregação batista é a conversão e o batismo. Na organização da Primeira Igreja ficou registrado que ela seria “voltada para a evangelização”. Essa ênfase nos acompanha. Os seminários foram organizados pelos missionários para equipar os brasileiros a pregar a Palavra.

A primeira metade de século XX foi a era de notáveis evangelistas. Tão salvacionista era a pregação que eles só se realizavam quando ouvintes atendiam ao convite (apelo, as vezes mais apelação). Ouvi, no final dos anos sessenta, um desses evangelistas: uma vez que ninguém atendeu ao apelo, ele saiu de banco em banco, em trabalho de evangelização pessoal, nada particular.

O ardor evangelístico produzia um senso de urgência em falar de Jesus. Isso às vezes criava situações *sui-generis*. Assim foi no cemitério em Salvador (BA), no sepultamento de Lauro de Freitas, ex-candidato ao governo da Bahia, vitimado por acidente aéreo. Na imensa multidão, o Pr. Valdívio Coelho encontrou uma escada e, apoiando-a às costas de um diácono, subiu e pregou: “não se turbe o vosso coração, credes em Deus, crede também em mim”.²

¹ JILTON MORAES é professor, pastor e escritor. Ao longo de 45 anos de atividades trabalhou em Fortaleza, Belém, Teresina e Recife; reside em Brasília há 15 anos; mas, neste ano de 2016, juntamente com sua esposa, Ester Moraes, reside temporariamente em Vila Velha, ES. É autor de 15 livros, nove deles na área da pregação. Um de seus livros está publicado em espanhol. Tem Notório Saber em Teologia pela Faculdades EST.

² MORAES, Jilton. Pregadores Notáveis e sua pregação. Brasília: 2005, [s.n.]. (Digitalizado). p. 45.

Apesar da evangelização ainda ser uma das principais ênfases no púlpito, a tocha do ardor dos pioneiros perdeu o fulgor: séries de pregações quase acabaram; prédicas evangelísticas escassearam; poucos pregadores fazem apelo.

Ênfase na defesa da fé

Outro destaque da pregação batista nesse período foi o seu estilo apologético. A motivação resultava de um inadequado conceito de conversão: mais que persuadir pessoas ao arrependimento, a realização estava em arrancá-las do catolicismo, transformando-as em membros fiéis da Igreja Batista. Havia uma queda de braços entre dois pregadores: pastor e padre: do púlpito, e microfones, eles formulavam arengas, disfarçadas de prédicas, desprovidas de amor e providas do ódio que os movia.

Às vezes as duras palavras dos pregadores batistas foram rebatidas com pedras, atiradas por uma raivosa procissão católica. Nesse tempo parece até que pregar era comunicar com rancor. Mas como apresentar com ódio a palavra daquele que nos amou tanto a ponto de se doar por nós?

Alguns ex-padres, convertidos ao protestantismo, figuram entre os pregadores da escola apologética, O primeiro batista brasileiro está nesse grupo. Além dele, dois outros merecem destaque – José Tavares de Souza (Maceió) e Aníbal Pereira dos Reis (São Paulo). Eles foram evangelistas apologetas: não pregavam a simples mensagem do Cristo, mas o faziam condenando o catolicismo. A mudança desse quadro nos conduz à indagação: qual a relação que se manteve entre tradição e transformação?

A tradição não pode arraigar-se a um passado de desamor que rotula e afasta pessoas. A transformação há de continuar sendo proclamada. As pessoas precisam saber que só há salvação em Jesus; precisam ser persuadidas a um compromisso com Ele, mas, acima de tudo, é necessário que nós – pregadores/as – vivamos o amor do Mestre. A transformação é fundamental; a tradição só tem sentido enquanto apresenta o amor de Deus e nos desafia a vivermos esse amor.

Ênfase escatológica

Quais influências tem recebido a pregação cristã da teologia da prosperidade? A Teologia e a liturgia nas igrejas batistas falavam do céu e proclamavam a volta de Jesus. Mas essa ênfase desapareceu dos púlpitos e dos cultos. Poucas são as prédicas escatológicas. As riquezas celestiais não mais encantam. O imediatismo tirou dos fiéis a capacidade de espera – a teologia da prosperidade lhes apontou a facilidade do *ter antes de morrer*. O cenário nos remete à indagação: quais os novos desafios da pregação cristã no nosso contexto?

Prédicas escatológicas devem continuar sendo proclamadas, embora não seja fácil pregá-las. Depois de ler quase dois mil sermões e esboços de um pregador, falei-lhe: — Esperava encontrar mais sermões sobre o céu, Ele me respondeu: — Ainda não estive lá.

Base bíblica

O Púlpito Batista nos seus primórdios foi marcado pelo embasamento bíblico. Apesar dos batistas terem se tornado conhecidos como o *povo da Bíblia*, em termos de púlpito, a situação mudou. Hoje, infelizmente, fidelidade ao texto bíblico é artigo em desuso. Alguns pregadores leem o texto e tanto dele se afastam que ele se torna pretexto. O texto não é um ornamento à pregação,

mas a sua parte mais importante: está para o sermão do mesmo modo que o tecido está para o bordado; como é impossível bordar sem o tecido, é também impossível pregar a mensagem da Palavra sem nela estarmos firmes.³

Herança homilética Batista

O primeiro clássico de homilética publicado em português (1928) foi ***A arte de pregar*** (John Broadus). Charles Spurgeon, o príncipe dos pregadores, é um dos grandes nomes na história da pregação. Vários homiletas batistas no passado e no presente têm produzido nessa área, alguns deles traduzidos para o português. O meu predileto é H. C. Brown Jr. Ele trabalhou não só a questão metodológica, mas realçou o lugar da exegese e da hermenêutica no labor sermônico.

Billy Graham, (98 anos) tem sido considerado o mais notável pregador evangelista do século XX.

O primeiro livro de Homilética escrito em português e publicado no Brasil foi ***Esboço de Homilética*** - José Munguba Sobrinho, 1956.

Entre os batistas, as classes de Homilética funcionaram antes de serem organizados os seminários.

Creio que na atualidade os batistas no Brasil ocupem lugar de destaque na produção de livros de Homilética escritos e publicados em português, um desses textos já está publicado em espanhol.

Que pregação cristã corresponde aos anseios e necessidades de nossas igrejas, do nosso contexto com suas carências e necessidades? Na sociedade do espetáculo e do entretenimento ouvintes se tornam mais espectadores que adoradores. Neste cenário somos desafiados a:

- (1) Não nos tornarmos agentes da recreação: prédicas mais advertem que divertem; pregador/a é proclamador de boas novas e não o bobo da corte.
- (2) Não torturarmos os ouvintes com longos sermões. Sem mutilar as nossas prédicas precisamos exercitar o dom da síntese, sendo capazes de dizer mais em menos palavras.
- (3) Não transformarmos a adoração ao Criador em realização da criatura: não pregamos para encantar, mas para alimentar.

Não deixarmos que as músicas, coreografias, testemunhos e outras programações tirem a centralidade da Palavra no culto.

Os anseios e necessidades das igrejas devem nos motivar a:

- (1) Valorizar o ministério da pregação como a tarefa mais gloriosa e abençoadora que Deus nos tem confiado.
- (2) Gastar mais tempo na elaboração e menos tempo na apresentação: prédicas longas às vezes resultam de breve preparo.
- (3) Ser mais profundos no conteúdo e mais simples na apresentação: profundidade sem legibilidade, não tem legitimidade.

³ MORAES, Jilton. *O clamor da igreja: em busca de excelência no púlpito*. São Paulo. Mundo Cristão, 2012. p. 66.

- (4) Trabalhar a exegese do texto, sem descuidar da exegese dos ouvintes: considerar o texto, sem considerar os ouvintes é fazer um trabalho incompleto,
- (5) Encantar, sem vulgarizar: redescobrir a pregação poética capaz de atrair, sem afastar da verdade apresentada a partir do texto bíblico.
- (6) Utilizar a variedade, sem superficialidade: lançando mão de formas como, narrativos, segmentados, monólogos e diálogos.
- (7) Elaborar uma liturgia cristocêntrica, onde se estampe não os novos modismos musicais, mas a velha história do Crucificado.
- (8) Reconhecer que a pregação capaz de transformar pessoas transpõe barreiras denominacionais.

Para estas coisas, quem é idôneo?

Que Deus tenha misericórdia de nós e nos abençoe.

Referências

MORAES, Jilton. *O clamor da igreja: em busca de excelência no púlpito*. São Paulo. Mundo Cristão, 2012.

MORAES, Jilton. *Pregadores Notáveis e sua pregação*. Brasília: [s.n.], 2005. (Digitalizado).